



PRIX  
MICHEL  
D'ORNANO

Melhor Primeiro Filme Francês

LIONCEAU FILMS apresenta

GRÉGORY GADEBOIS

CLOTILDE HESME

# Angèle e Tony

um filme de ALIX DELAPORTE

COM EVELYNE DIDI, JÉRÔME HUGUET, PATRICK LIGARDES, PATRICK DESCAMPS, ANTOINE COULEAU e LOLA DUEÑAS

REALIZAÇÃO E ARGUMENTO ALIX DELAPORTE DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA CLAIRE MATHON MONTAGEM LOUISE DECELLE SOM PIERRE TUCAT, ARNAUD ROLLAND e ERIC TISSERAND MÚSICA ORIGINAL MATHIEU MAESTRACCI DECORS HÉLÈNE USTAZE  
CASTING LAURE COCHENIER ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO LUC CATANIA DIREÇÃO DE PRODUÇÃO ERIC CHADOT PRODUTOR HÉLÈNE CASES UMA PRODUÇÃO LIONCEAU FILMS COM A PARTICIPAÇÃO DE CANAL+ CINÉCINEMA, CENTRE NATIONAL DU CINÉMA  
ET DE L'IMAGE ANIMÉE e de SOFICA COFINOVA 6 DISTRIBUIÇÃO CLAP FILMS

clap filmes MEDIA





## SINOPSE

A pacata vida de Tony é interrompida pela chegada da jovem Angèle, uma mulher que, tal como ele, nada sabe sobre o amor. As suas tentativas para seduzir Tony são logo rejeitadas.

Ele não consegue acreditar que ela está ali por sua causa...

**“Queria contar uma história de amor num ambiente que me fosse familiar. Esta pequena cidade de pescadores foi a escolha óbvia, na mesma medida em que se estivesse nos EUA teria provavelmente filmado um western. Os pescadores transformar-se-iam em cowboys e o mar passaria a ser uma grande planície. A natureza evoca sentimentos mais crus, menos palavras e mais emoções primárias... E foi exactamente isso que pretendi para este filme”**

***Alix Delaport***



À conversa com **ALIX DELAPORTE**

## **QUAL ERA O SEU TRABALHO ANTES DE FILMAR “ANGELE E TONY”?**

Era jornalista. Comecei na agência Capa, que me despertou, imediatamente, o desejo de aprender a fazer filmes. Foi difícil começar e ter de aprender com os próprios erros quando se trabalha numa grande agência – ainda mais quando se tem de carregar uma câmara de 16 quilos! Depois passei para o M6, onde fazia as notícias e, mais tarde, para o Canal Plus. Durante dois anos, fiz o perfil dos convidados do “Nulle Part Ailleurs”. Foi nessa altura que fui aceite no FEMIS, onde frequentei um curso de guionismo durante dois anos. Também fiz o perfil de uma série de jogadores do Mundial de Futebol’08. E foi com este projecto que conheci o Zidane, com quem acabaria por fazer uma série de trabalhos para o Canalsat. No final, fiz um DVD com toda a sua carreira (“Like In A Dream”). Foi uma experiência fantástica pois pude fazê-lo em total liberdade. Pedi ao Jean-Louis Trintignant que gravasse a voz (os textos tinham sido escritos por Gregoire Margotton, um repórter desportivo do Canal Plus). Esta foi a minha primeira experiência a dirigir actores.

## **E NO CINEMA PROPRIAMENTE DITO?**

Tinha escrito uma curta-metragem e o Roschdy Zem disse-me: “Entro no teu filme se me arranjares uma T-Shirt autografada do Zidane”. Como fui bem sucedida, ele apresentou-me ao Pascal Caucheteux que gostou do meu guião. Assim, o de “The Trap” acabou por ser produzido pela Helene Casses da Why Not Productions. Tornei a fazer uma curta em 2006, “How To Brake Downhill” já com a Clotilde Hesme. Fui passando de um projecto, para o outro, sem que estes tivessem de estar necessariamente relacionados. Completava os desafios sem saber onde estes me iriam conduzir. Por vezes sentia que estava a avançar, simultaneamente, em várias direcções. Só quando terminei a minha segunda curta-metragem é que percebi que me estava a transformar numa realizadora de cinema.

## **COMO NASCEU O PROJECTO “ANGELE E TONY”?**

Queria contar uma história de amor. Queria ser capaz de transmitir esse sentimento tão forte através de Angèle e queria que ela sentisse algo que nunca havia vivido antes. Era precisamente o que queria para o Tony. E queria que todos fossemos testemunhas desse romance, que estivéssemos em sintonia com os protagonistas, que nos sentíssemos arrebatados, emocionados... A Angèle já vivia na minha cabeça há muito tempo; a sua história,

a sua personalidade. O argumento começou a desenvolver-se a partir do momento em que comecei a imaginá-la apaixonada por um pescador. Era algo que estava relacionado com as minhas memórias de infância: a minha mãe e avó nasceram na Normandia, de um local não muito distante de Port-en-Bessin, onde a acção do filme decorre. Foi nesse ambiente que passei todas as minhas férias na infância e adolescência. Desde então sempre olhei para os pescadores como figuras românticas, como pessoas que passavam a maior parte do seu tempo no mar, isoladas da realidade, mas com força e determinação suficientes para assustar até mesmo os grandes nomes da política, se assim o desejassem. Tinha uma serie de imagens gravadas na minha memória: dos pescadores a atirarem peixe aos polícias, por exemplo. Achava-os incríveis. Foi dentro desse espírito que colaborei com a Claire Mathon, a directora de fotografia, para que esta os tornasse numa espécie de “super-heróis”. Desta forma, filmámo-los em situações quotidianas, mas tentámos dar-lhes um certo brilho, trabalhámos sobretudo com a luz e os filtros que utilizámos para lhes dar uma aparência mais suave.

### **COMO FEZ O CASTING?**

Como já tinha trabalhado com a Clotilde Hesme na minha segunda curta e tínhamos gostado muito da experiência, foi muito instintivo para mim considerá-la imediatamente, assim que comecei a pensar num papel para uma jovem mulher. Sentia-me, no entanto, um bocadinho reticente, acho que estava assustada com a sua beleza. Procurei durante três meses. Vi várias mulheres banais, semelhantes àquilo com que imaginamos que uma ex-presidiária se pareceria. Finalmente apercebi-me de que sim, ela era muito bonita e sim, talvez fosse demasiado velha para aquela personagem, mas eu nunca encontraria em nenhuma das outras atrizes aquela aura infantil que a envolvia. Acima de tudo, era ela quem eu queria para o filme. E a sua beleza acabou por adicionar uma camada mais romântica à personagem. Também sabia que podia exigir muito dela pois já a conhecia e confiávamos muito uma na outra. Ela não mistura talento e temperamento. É uma grande trabalhadora que está sempre a desafiar-se e à procura de mais qualquer coisa que possa oferecer. É precisamente isso que gosto nela: o facto de não ter medo de correr riscos e de ser capaz de, através deles, descobrir coisas únicas. Foi ela quem levou a Angéle tão longe e a transformou numa personagem tão cativante.

## **E O GRÉGORY GADEBOIS?**

Pensei nele, muito cedo, pouco depois de ter começado a trabalhar no guião. Tinha-o visto numa peça de Martin Crimp, com a Clotilde, e achei-o extremamente sexy e fascinante. Ele é uma espécie de muro contra o qual queria ver a Angèle colidir. É isso que acontece durante o filme – ele está lá, como um rochedo. Sempre pensei que o filme seria bem sucedido se no fim, enquanto espectadores, desejássemos terminar envolvidos no seu abraço. Acho que resulta. O Grégory tem uma actuação brilhante, conseguiu interpretar esta personagem. Fê-lo a partir dos detalhes: comprou um anel, antes de iniciarmos a rodagem e, como anda de bicicleta, foi ele quem me ajudou a escolher uma bicicleta para o Tony. Tudo o resto foi sendo construído a partir daí. O Grégory sempre soube qual a direcção a tomar com o Tony, melhor ainda do que eu.

## **A CENA DE AMOR FOI UM DESAFIO PARA OS ACTORES?**

Senti que da parte do Grégory sempre existiu um enorme desejo e ao mesmo tempo uma grande apreensão em trabalhar com a Clotilde. Os dois são muito amigos, andaram juntos no Conservatório. Assim que perceberam o que tinham de fazer, foram muito rápidos a conversar sobre a cena de amor. O Grégory começou a especular sobre todas as “façanhas” a que podiam recorrer e começou mesmo a referir-se à cena de amor como “a grande façanha”. Era uma cena que estava sempre entre nós, a assustar-nos... Era a minha primeira cena de amor. Há muito que havia decidido filmá-la num só plano e num só take. Sabia que seria arriscado mas estava confiante, eu acreditava nos meus actores. Naquele dia estávamos todos tensos. Depois na edição tudo correu extremamente bem e a partir daí não tornámos a ter quaisquer momentos de constrangimento entre nós.

## **E OS OUTROS ACTORES?**

O elenco de um filme é como uma equipa de futebol: é preciso química para que as coisas aconteçam. Sou muito sensível no que toca ao factor humano. Por exemplo, sabia que a Lola Duenas seria o nosso raio de luz: tanto na história, como durante as rodagens. E assim aconteceu; cada vez que ela esteve nas filmagens, ficávamos felizes por vê-la e por ouvir a sua voz, a sua pronúncia... era como uma lufada de ar fresco durante uma maratona. Também me causou uma forte impressão. À semelhança do Grégory e da Clotilde é capaz de interagir com

os outros: não se limita a aparecer, é uma actriz que se dá. Talvez seja por isso que sempre gostei de trabalhar com actores de teatro, porque estão habituados a “brincar” em conjunto. Quando representam divertem-se e brincam, como se fossem crianças. Quando a Clotilde e o Patrick Ligardes interagem assistimos a algo arrebatador. Sentimos o prazer que têm em estar próximos uns dos outros e o quanto anseiam por começar a trabalhar. Tornamo-nos testemunhas de um grande espectáculo e sabemos que será sempre assim, dia após dia; é esta energia que nos ajuda a ultrapassar a exaustão.

### **TEM REGRAS QUANDO ESTÁ A REALIZAR?**

Estava à procura da simplicidade. O que é estranho é que desde o início, e contrariamente a tudo o que tinha feito até à data, senti necessidade de pousar a câmara. Queria observar sem criar nenhum movimento artificial que pudesse perturbar os actores. É um filme que recusa efeitos. Acho que é algo que se prende com as personagens: Angèle e Tony não falam muito. Mesmo considerando que Angèle é mais extrovertida do que Tony, devemos reconhecer que ela não fala muito sobre si mesma. São ambos personagens modestas e foi essa simplicidade que quis destacar enquanto os filmava. O restante encaixou na mesma linha: a luz, a edição... Se tivesse apostado em algo mais extravagante, a minha abordagem teria sido rejeitada não só durante as filmagens, mas também durante a edição. Agrada-me a ideia de que tudo no cinema equivale a uma sensação física. Debato-me com os filmes sobre os quais se diz “isto é uma boa ideia” ou “isto é interessante”; filmes em que se acha que é necessário que sejam filmados de forma a serem belos. Nunca nos podemos esquecer da história, nem deixar uma personagem à deriva: devemos sempre ter em conta que a personagem enfrenta um problema que precisa de resolução. Quero que o espectador se deixe absorver, quero sentir que ele deseja, como eu, acompanhar aquela personagem. Os meus pais costumavam dizer-me: “quando vais ao Festival de Veneza deves usar um vestido” e mantendo-me fiel a este espírito digo “quando se faz um filme devemos adicionar-lhe uma acção”.

### **COMO FOI TRABALHAR COM CLAIRE MATHON ENQUANTO DIRECTORA DE FOTOGRAFIA?**

Sinto que fizemos um filme conjunto. Partilhámos muita coisa. Todas as noites trabalhávamos juntas num dos quartos do hotel: revíamos as cenas e discutíamos sentimentos. Durante as rodagens nunca senti necessidade de dizer à Claire “coloca a câmara aqui, usa este ângulo”. Observo os actores no *plateau* e vejo-os a ensaiar. É então que, aos poucos, vamos

descobrir a melhor forma de posicionar a câmara e como trabalhar a cena; é esse o trabalho da minha equipa. É um trabalho que só consigo analisar de forma sentimental. Enquanto jornalista tudo é muito instintivo e creio que continuo a ser influenciada por essa experiência. A minha inquietação é uma das minhas fraquezas. Antes de filmar uma cena, existe sempre um momento de pausa que me deixa agitada e perturba o equilíbrio da equipa.

### **ANALISANDO RETROSPECTIVAMENTE A PRODUÇÃO DO FILME, QUAIS SÃO OS SEUS PENSAMENTOS?**

Queria fazer este filme com a H  l  ne Cases (e a sua recém formada produtora, a Lionceau Films) porque tinha gostado muito de fazer as curtas com ela, mas também porque este seria o seu primeiro filme enquanto produtora independente. Existia nela aquela ansiedade que um produtor mais celebrado não teria tido face a este desafio. Eu sabia, claro, que os 15 anos que estivera na Why Not Productions a tinham deixado preparada para avançar com o projecto. Este foi também o primeiro trabalho de Louise Decelle enquanto montadora, e a Clotilde e o Grégory conquistaram o seu primeiro papel de protagonistas. O Mathieu Maestracci também nunca tinha composto uma banda sonora para cinema e a maioria da equipa técnica era igualmente estreante, de uma forma ou de outra. Precisava dessa adrenalina, desse espírito de "ou vai ou racha" impregnado em toda a equipa. São assim conseguiria transpor para a essência do filme aquele sentimento de urgência que pauta a rela  o entre a Ang  le e o Tony.



À conversa com **CLOTILDE HESME**

Conheci a Alix Delaporte quando ela apareceu no Conservatório à procura de actores para a sua segunda curta "How To Break It Downhill". Alguns de nós inscreveram-se para a audição. Eu fui chamada e ela fez-me dançar em cima de uma mesa ao som de uma canção da Marilyn; já nessa altura era como uma soberana para mim, obrigando-me a ultrapassar toda a minha insegurança e timidez. A partir daqui a Alix e eu fomos crescendo juntas na indústria. Quando veio ver-me ao Theatre des Abbesses, descobriu o Grégory Gadebois, que era meu colega numa peça de Martin Crimp. Nessa altura ela não me escolheu para interpretar a Angèle.

A Alix queria trabalhar com outras atrizes e ficou assente que trabalharíamos juntas no seu próximo filme. Mas o perfil que ela tinha traçado para a personagem era tão rigoroso que a escolha tornou-se quase impossível. Um ano mais tarde, veio falar comigo e reconheceu que a Angèle não poderia ser exactamente como ela a tinha imaginado. Falámos acerca da personagem, de como a percebíamos, e de qual seria o seu passado. No cinema a psicologia é quase uma palavra proibida, pois rezeamos que nos retire o instinto, mas eu acredito que precisamos da psicologia. Procurámos em conjunto. A Alix pediu-me que torna-se a ver o "True Romance". Lembro-me de ter começado a encarar a Wanda, e a luta da Patrícia Arquette e da Sandrine Bonnaire, sobre um olhar completamente diferente! A Angèle é uma personagem cheia de nuances; é uma rapariga com um conceito muito provocador do que são o amor e o sexo. Durante o filme ela aprende, finalmente, a abrandar e a permitir que as coisas aconteçam. Foi também isso que nos foi pedido durante as filmagens, que descontraíssemos e nos regéssemos pelo instinto. Houve muito pouca direcção de actores, excepto para explicar que a Angèle não deveria sorrir ou ser simpática, ela não é o tipo de pessoa que agradece quando lhe servem o café. Quando a minha mãe viu o filme disse "tu terias sido assim, se não fosse pela educação que eu te dei!". Durante as filmagens existiram uma serie de cenas extremamente carregadas. Durante a edição a Alix cortou algumas delas o que foi óptimo, porque acho que o filme não teria funcionado com tantos momentos de tensão. A Alix não é exaustivamente dramática, o que me agrada bastante. Eu sou uma espécie de soldado em cena, a desbravar caminho. Gosto de me sentir exausta, como nas cenas em que tinha de andar de bicicleta, pois elas representavam a minha batalha. O truque é conseguirmos chegar em forma ao fim, mesmo que por vezes nos deparemos com situações difíceis! Acredito que o filme sofra um ponto de viragem na cena em que o Tony rejeita a Angèle e a empurra no cais. Ele ama-a desde o início, mas não quer ser amado daquela forma. Por outro lado, ela própria também se apaixona muito rapidamente por ele, mas é demasiado orgulhosa para ser a primeira a admitir os seus sentimentos. O Tony é sólido como uma âncora. A Angèle é muito atribulada. Imitei a Alix e como fica nervosa quando está a reflectir.

Fui-me consciencializando disso a pouco e pouco. Com a Angèle sinto que revelei o meu novo lado, o lado mais escondido e introvertido. “Angèle e Tony” obrigou-me a criar uma nova personagem. As personagens que interpretara em filmes anteriores eram sempre mais próximas de mim mesma. “Os Amantes Regulares” é praticamente um documentário sobre mim quando tinha vinte anos. Aqui a personagem afectou-me. Após as filmagens o nervosismo permaneceu comigo, numa espécie de ansiedade. É o meu primeiro papel de protagonista.

## FILMOGRAFIA SELECCIONADA

---

**2010**

“ANGELE E TONY” – Alix DELAPORTE

“MISTÉRIOS DE LISBOA” – Raul RUIZ

**2009**

“HAPPY END” – Arnaud & Jean Marie LARRIEU

**2008**

“RIVALS” – Jacques MAILLOT

“A BELA JUNIE” – Christophe HONORÉ

“ON WAR” – Bertrand BONELLO

**2007**

“AS CANÇÕES DE AMOR” – Christophe HONORÉ

“THE GROCER’S SON” – Eric GUIRADO

“24 MESURES” – Jaiil LESPert

**2005**

“OS AMANTES REGULARES” – Philippe GARREL

“NELLY” – Laure DUTHILLEUL

**2002**

“OLGA’S CHINGNON” – Jérôme BONNELL



À conversa com **GRÉGORY GADEBOIS**

A primeira vez que vi a Alix Delaporte foi quando fui assistir à curta-metragem que tinha feito com a Clotilde Hesme. Depois, ela veio ver-nos em palco, numa peça de Cimp. Soube mais tarde que tinha reparado em mim... se ela escreveu o papel do Tony a pensar em mim? É sempre pretensioso dizê-lo, mas a verdade é que quando disse à Clotilde que tinha um encontro com a Alix, ela respondeu-me: “Finalmente!”. Há muito que ela sabia que a Alix me queria para o filme, mas nunca me dissera nada. Li o guião de “Angèle e Tony” e devo confessar que sempre foi muito complicado para mim decidir se gostava de algo ou não, mas naquele caso agradou-me logo o facto de retratar um ambiente que me era familiar. **Cresci na** Normandia entre Fecamp e Rouen e conhecia pessoas que podiam perfeitamente ter sido pescadores. Era capaz de visualizar aquela personagem, conseguia conceber a janela através da qual ele via o mundo. Encontrámo-nos muitas outras vezes e ela apresentou-me uma série de outras versões do guião. As personagens permaneciam iguais, mas a sua interacção mudou. Tomámos café e fomos conversando sobre o filme, por vezes, de forma muito concreta. Uma das questões era que tipo de bicicleta deveria ter Tony e eu perguntei “quanto é que ele ganha? Ah, então teria ser entre esta ou esta...”. Também trabalhei com ela no casting para a Angèle (antes de escolhermos a Clotilde) e pensava para mim mesmo “Porque não ela? Porque não a Clotilde?”. Finalmente a Alix anunciou-me que a Clotilde seria a protagonista feminina o que me deixou extremamente feliz e aliviado! Não tenho nenhum método para construir uma personagem. Quando leio um guião imagino, visualizo uma forma, uma cor, uma silhueta, mas a partir daí faço tudo cena a cena. Só conseguimos representar o momento em cinema, e tudo se concilia na sala de edição. A câmara é capaz de capturar um único momento, enquanto no teatro tudo deve ser exacerbado para que o espectador da vigésima fila seja capaz de acompanhar a história. O Tony parece-se, provavelmente, muito comigo: fala e mexe-se pouco. Não se pergunta se é ou não feliz, pelo menos não até ao momento em que conhece Angèle. A partir daí ele começa a mudar... acho que se sente imediatamente atraído por Angèle, mas que o esconde por orgulho ou medo de rejeição. São duas personagens muito semelhantes – na austeridade com que lidam com o amor – acho que são essas as pareências que os atraem e afastam simultaneamente. Olhei para o Tony como alguém livre, tão livre como Mathieu, o homem que nos emprestou o barco e com quem acabei por passar algum tempo.

## FILMOGRAFIA SELECCIONADA

---

**2010**

**"ANGELE E TONY" – Alix DELAPORTE**

**"THE WOMAN IN THE FIFTH" - Pawel PAWLIKOWSKI**

**"L'OEIL DE L'ASTRONOME" – Stan NEUMAN**

**2009**

**"AN ORDINARY EXECUTION" - Marc DUGAIN**

**"GAINSBURG" - Joann SFAR**

**2008**

**"SISTERS" - Eléonore FAUCHER**

**" A FRONTEIRA DO AMANHECER" - Philippe GARREL**

**2007**

**"A DAY AT THE MUSEUM" - Jean-Michel RIBES**

**"GO FAST" - Olivier VAN HOOFFSTADT**

**"MR 73" - Olivier MARCHAL**

**2006**

**"MASKED MOBSTERS" - Ariel ZEITOUN**

**2005**

**"MUITO BEM, OBRIGADO" Emmanuelle CUAU**

**2004**

**“LES YEUX CLAIRS” - Jérôme BONNELL**

**“LES ÂMES GRISES” - Yves ANGELO**

**2003**

**“HAVE MERCY ON US ALL” - Régis WARGNIER**

**2002**

**“OLGA’S CHINGNON” – Jérôme BONNELL**



## **UMA HISTÓRIA DE AMOR POUCO CONVENCIONAL NUMA CIDADE COSTEIRA DA NORMANDIA**

O filme de estreia da realizadora francesa Alix Delaporte é um delicado ensaio intimista sobre a necessidade de um vínculo humano, que distribui habilmente a sua carga pelos protagonistas: Clotilde Hesme e Gregory Gadebois. A dupla de actores prova estar à altura do desafio, exibindo duas actuações plenamente genuínas das personagens de uma jovem mulher com um passado obscuro, e de um pouco educado pescador, cujas vidas se interligam, inesperadamente.

Angèle (Hesme) tem o hábito de investir em encontros fortuitos com estranhos que conhece através de anúncios. Quando conhece Tony este transforma-se, rapidamente, numa excepção já que os dois demonstram ter uma série de afinidades, marcando futuramente novos encontros. A câmara move-se suavemente na direcção das personagens enquanto elas conversam e se conhecem, denunciando a ligação imediata que os une.

Embora nenhum dos dois pareça muito seguro em relação ao rumo que as coisas poderão tomar, ambos parecem estar dispostos a descobrir o que aí vem. Os espectadores vão conhecendo Angèle e Tony à medida que as próprias personagens se vão conhecendo uma à outra, conduzidos por um argumento que tende a apresentar os seus mais importantes detalhes de forma indirecta. Delaporte mantém o tom ameno e naturalista, com a montadora Louise Decelle a permitir que a história respire de forma suave, mas consistente em sintonia com as suas personagens e o aprazível cenário costeiro do filme.

Com a sua abordagem informal e discreta mestria técnica, Delaporte dá oportunidade aos actores de brilharem nos seus papéis que seriam, à partida, tudo excepto elegantes, fazendo com que tanto Hesme (tão diferente aqui do seu primeiro grande filme “Os Amantes Regulares”, de Philippe Garrel) como o veterano dos palcos Gadebois conquistem interpretações impressionantes. O elenco secundário é, igualmente, consistente.

A participação tecnológica é modesta porém eficaz. A banda sonora de Mathieu Maestracci recebe um toque, apropriadamente, sequioso que não permite o amortecimento da acção e o guarda-roupa de Dorothee Guiaud é absolutamente revelador do carácter das personagens, especialmente de Angèle, não levantando demasiada atenção sobre elas.

# FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

**COLTILDE HESME | GREGORY GADEBOIS | EVELYNE DIDI | JÉRÔME HUGUET | PATRICK  
LIGARDES | PATRICK DESCAMPS | ANTOINE COULEAU | LOLA DUEÑAS**

**REALIZAÇÃO E ARGUMENTO** ALIX DELAPORTE

**DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA** CLAIRE MATHON

**MONTAGEM** LOUISE DECELLE

**SOM** PIERRE TUCAT, ARNAUD ROLLAND e ERIC TISSERAND

**MÚSICA ORIGINAL** MATHIEU MAESTRACCI

**DÉCORS** HÉLÈNE USTAZE

**CASTING** LAURE COCHENER

**ASSISTENTE REALIZAÇÃO** LUC CATANIA

**DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO** ERIC CHABOT

**PRODUTOR** HÉLÈNE CASES

**UMA PRODUÇÃO LIONCEAU FILMS COM A PARTICIPAÇÃO DE CANAL + CINECINEMA, DO  
CENTRE NATIONAL DE CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE E DE SOFICA COFINOVA 6**

**DISTRIBUIÇÃO** CLAP FILMES